



Construção de narrativas

Príncipes e dragões, madrastas e anões

Episódio 4

Os contos tradicionais são ótimas ferramentas para a produção de outros textos e como fazem parte do imaginário coletivo, merecem uma atenção especial. Além disso, alguns deles têm a criança como protagonista, o que facilita o processo de identificação com a narrativa.

A estrutura do conto tradicional, escreveu Gianni Rodari, «repete a estrutura da experiência infantil, que é uma sucessão de missões e duelos, de provas difíceis e de decepções, sempre segundo certas passagens inevitáveis».¹

Apesar de a maior parte das crianças conhecer as histórias tradicionais, tem normalmente contacto com elas pela primeira vez ou através do relato oral, ou através das versões em filme, normalmente bastante mais pobres do que as versões originais. Será importante reler as histórias já conhecidas e outras de modo a aumentar o conhecimento dos alunos neste campo.

A estrutura dos contos tradicionais obedece a um modelo que se repete, com ligeiras alterações. Quanto mais contos os alunos conhecerem, melhor dominarão a estrutura e mais aptos estarão para produzir uma obra, tendo este tipo de narrativa como modelo.

Podem encontrar sugestões de livros com histórias tradicionais no módulo *Limitar para libertar*. No entanto, queria destacar um que considero uma compra quase obrigatória: a recolha dos contos populares portugueses, feita por Adolfo Coelho e editada pela Leya. É um ótimo livro, com histórias muito diversificadas e tem um preço muito acessível. Não há razão para não fazer parte da biblioteca de qualquer escola.

Exercícios de “reciclagem” dos contos tradicionais

Na *Gramática da Fantasia*, de Gianni Rodari, encontram vários capítulos dedicados à análise e exploração dos contos tradicionais. Vou aproveitar algumas das suas ideias e desenvolvê-las, tal como fiz no vídeo.

¹ Rodari, Gianni, *Gramática da Fantasia*, Caminho, 1993.



Mudança de protagonista

Proponha que a primeira abordagem a este exercício seja feita oralmente e em coletivo. Escolham uma história que todos conheçam: *Branca de Neve*, por exemplo. Expliquem aos alunos que a versão que conhecemos é contada pelo narrador, alguém que está fora da história. Escolham uma das personagens da história. Para começar, sugiro que se mantenham pelas personagens principais. Oralmente, procedam ao reconto da história do ponto de vista dessa personagem. Fi-lo recentemente com alunos de 2ºano e foi muito divertido. Vão dar conta que têm de “saltar” algumas partes da história, porque a personagem não estava presente nesse momento. Os meus alunos deram conta que a história contada pelos sete anões é mais curta. A noção de “cenas” começa a ficar clara.

Quanto já tiverem testado este mecanismo oralmente, tentem que os alunos o façam por escrito. Podem dar a mesma história a 5 alunos e cada um reescreve-a numa perspetiva diferente. Terão no final 5 versões da mesma história, substancialmente diferentes. Para ajudar nesta tarefa, que implica pôr-se no lugar de uma determinada personagem, podem fazer uma improvisação em que cada personagem se defende e justifica a sua ação na história. Porque é preciso perceber que os lobos e as madrastas também têm as suas justificações.

E depois?

Mesmo com o conto acabado há sempre a possibilidade de um “depois”. As personagens continuam prontas a atuar, e nós conhecemos o seu comportamento e dominamos as relações entre elas.

Rodari, na *Gramática da Fantasia*, dá-nos conta de uma versão de continuidade para a *Gata Borralheira*, em que esta não consegue livrar-se dos seus hábitos de dona de casa, o que rapidamente provoca o desinteresse do príncipe.

Salada de contos

Mesmo que os contos tradicionais vos pareçam esgotados de novas possibilidades, pela sua constante utilização, acreditem que estão enganados! Basta submetê-los a um tratamento adequado: uma série infundável de perguntas!

Aqui fica uma amostra:

- O que acontece se o Pinóquio for parar a casa dos Sete Anões? Vai dar-se muito mal com o resmungão?
- E se a madrasta da Gata Borralheira, se vir atormentada pelo grilo falante?



- E se o Gato das Botas, resolver ajudar os sete cabritinhos?

Um exemplo sobejamente conhecido deste cruzamento de personagens dos contos, é o que acontece nos filmes da série *Shrek*.

Para possibilitar os cruzamentos, diversos podem ser os mecanismos utilizados: os alunos podem sugerir oralmente os cruzamentos, podem usar-se imagens ou fantoches das personagens, escolhidos ao acaso. Mais uma vez estamos na presença de um *binómio fantástico*. No vídeo sugiro ainda a utilização de um armário, por introduzir um carácter mais mágico. Esta ideia, de usar objetos que pertenceram “mesmo” às histórias tradicionais, roubei-a descaradamente a um artista italiano com quem trabalhei no CCB, António Catalano. Num projeto seu, chamado “Pavilhões das Maravilhas”, onde trabalhei como atriz, vi crianças e adultos a acreditarem piamente estar na presença de “verdadeira” maçã envenenada da Branca de Neve ou de um pedaço de pêlo do “verdadeiro lobo mau”, entretanto extinto. O poder de sugestão faz milagres!

Arca dos contos/As cartas e os contos tradicionais

Vários foram os teóricos que se debruçaram sobre o riquíssimo universo dos contos tradicionais, e muitas, obviamente, as teorias que sobre eles se construíram, desde as que se referem às suas origens, até todas aquelas que estudaram o seu impacto em quem as ouve ou conta (destaco a teoria psicanalítica veiculada pela *Psicanálise dos Contos de Fadas*, de Bruno Bettelheim, da Editora Bertrand), passando pelas que defendem o conto enquanto veiculador de valores linguísticos. Para este exercício interessa-nos, especificamente, o trabalho dos estudiosos que se debruçaram sobre a estrutura formal do conto.

De entre os autores que estudaram este assunto, Vladimir Propp, foi um dos primeiros a reduzir a estrutura do conto a uma série de 31 funções, que se repetem e conjugam de um modo mais ou menos previsível.

Gianni Rodari, reduziu as funções de Propp a 20 e imaginou um jogo de cartas a partir dessas funções.

Maria Teresa Meireles e Teresa Lima, na *Arca dos Contos*, sugerem-nos um baralho de sete diferentes grupos que têm em conta personagens, espaços, objetos mágicos, verbos que definem a ação do conto, adjetivos que melhor caracterizam a aventura, e palavras-chave que a definem.² Este livro/jogo é um material de extraordinária utilidade que já várias vezes testei, obtendo ótimos resultados.

² MEIRELES, Maria Teresa e LIMA, Teresa, *A Arca dos Contos*, Apenas Livros, 2008.



Na eventualidade de não o poderem adquirir, sugiro que construam na escola, com a ajuda dos professores de expressão plástica, o vosso próprio baralho. Antes de existir tal como é agora comercializada, a *Arca dos Contos* foi testada ao longo de vários anos e em vários grupos de alunos (com cartas bem mais rudimentares, feitas com cartolinas de cores e recortes vários), com resultados surpreendentes e motivantes, como confessam as suas autoras. O importante é tentar, cada qual à sua maneira!